

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

Jardins urbanos

Estamos no auge das férias de verão. Época de celebrar de todas as maneiras a cultura do “frische Luft”, o famoso ar fresco que o alemão ama de paixão. Julho e agosto são os meses das longas férias escolares e também das férias mais longas dos empregados, políticos e funcionários públicos. É o chamado Sommerloch (“buraco do verão”), expressão que vem da mídia e da política. É como o carnaval no Brasil, um período de recesso. Não se faz nem se decide nada, pelo menos nada de grande importância.

No verão, tudo acontece mesmo é na rua. Basta o sol brilhar para Berlim virar uma festa. São piqueniques diurnos e noturnos e churrasquinho em todo canto verde da cidade. Existem serviços oferecendo cestas de piquenique prontas, alguns com talheres, pratos e copos, inclusive. Outros vão além e entregam no parque toalha, jogo de pingue-pongue, jornal do dia ou isopor cheio de bebidas. Isso é um luxo, pois na Alemanha não é comum entrega de restaurante e muito menos de cestas de piquenique.

Atualmente, amanhece às 5h30m e não anoitece antes das 21h30m. É muita luz, mas a verdade é que são poucos os dias de sol escaldante na cidade. Ultimamente, tem chovido bastante. Um dia de calor no Brasil não tem nada de extraordinário, mas aqui o slogan é o seguinte: “Para tudo, que está fazendo sol”. Dia de calor intenso em Berlim rende capa de jornal com depoimentos de pessoas que resolveram passar o dia à toa, deixando seus compromissos de lado. Em um desses jornais, o “Bild”, diário de maior circulação no país, duas enfermeiras posam com coquetéis e declaram: “Sabíamos que não haveria nenhum problema na clínica”. Um jovem executivo diz: “Resolvi tirar 3 horas de almoço e trabalhar até mais tarde”. O que importa é um lugar ao sol.

O alemão tem o hábito de viajar nas férias. Mas, para quem fica em Berlim, não faltam opções de lazer. Principalmente para os sortudos que têm o seu refúgio verde particular na cidade: os Schrebergärten. Quem nunca viu estas colônias de jardins, ao avistá-las pela primeira vez se pergunta o que são aquelas construções, o que fazem ali, quem habita essas casinhas que parecem de brinquedo. Essas áreas verdes estão localizadas em todos os bairros, próximas aos trilhos dos trens metropolitanos.

O nome Schrebergärten é uma homenagem ao autor da iniciativa, o médico Dr. Daniel Gottlieb Moritz Schreber, de Leipzig (1779-1861). Ele defendia a criação de espaços de lazer para crianças, assim como a utilização da terra para plantação de frutas, legumes e verduras para consumo próprio. Um século depois, após o final da 2ª Guerra, esses jardins tiveram importância vital para os alemães. Feliz de quem, tendo perdido sua casa nos bombardeios, ainda tivesse um teto, um jardim e uma horta. Existem hoje mais de um milhão de Schrebergärten espalhados pelo país. Somente em Berlim, são 77 mil jardineiros associados.

Normalmente, essas propriedades são passadas de geração a geração. Por outro lado, ninguém é dono do espaço, eles são arrendados. Esses jardins ocupam terre-

nos que pertencem ao Estado. A lista de espera é concorrida. Para conseguir um terreninho leva-se em média de 2 e 4 anos. Funciona assim: compra-se a casinha por cerca de € 4 mil e paga-se uma taxa única de admissão. O aluguel anual, que inclui seguro e impostos, fica em torno de € 500.

Há muitas leis para o funcionamento dessas colônias de jardinagem. Uma delas diz que a construção não pode ultrapassar 24 metros quadrados e o lote não pode ter mais do que 400 metros quadrados. É um lugar pensado para ser produtivo. Pelo menos 1/3 do terreno deve ser cultivado com alimentos. O silêncio durante a sesta deve ser respeitado. Apesar de não ser permitido o uso das casinhas para moradia, muitos acabam ficando por lá nas férias, até que um vizinho relate o fato à administração.

Como todo bom alemão costuma seguir à risca as leis, as ordens são cumpridas. Para um estrangeiro, pode ser tarefa difícil se integrar totalmente à sistemática desses jardins. Vai depender muito do seu vizinho, que pode ser do tipo controlador, de olho

no seu terreno o tempo todo, aguardando o primeiro desliz. “Se há algo que o alemão não consegue suportar é a desordem, ela destrói as pessoas neste país. Nos jardins, os alemães têm a possibilidade de viver a utopia da ordem absoluta, mesmo que isso pareça exagera-

do”, declarou o mais famoso jardineiro de fim de semana de Berlim, Wladimir Kaminer, escritor nascido em Moscou, produtor das badaladas noites russas do Kaffee Burger e autor de best-sellers na Alemanha, como “Minha vida no Schrebergärten”.

O retorno à natureza está mesmo em evidência. Cerca de 30 hortas comunitárias, como o jardim coletivo Prinzessingarten, em Kreuzberg, bairro alternativo de Berlim, fazem parte da nova paisagem urbana da cidade. Criado em 2009 pela associação Nomadisch Grün, o jardim é uma espécie de fazenda móvel onde a plantação não é feita no solo, e sim em sacos plásticos especiais de fácil transporte. O Prinzessingarten se dedica a agricultura orgânica e produtos regionais. A vizinhança, especialistas e voluntários podem participar ajudando na plantação e na colheita. O projeto pretende aumentar a diversidade sociocultural e biológica do bairro e servir de modelo para um novo estilo de vida comunitária nas grandes cidades. Pode ser um pensamento utópico, mas por que não tentar, já que está comprovado que a agricultura urbana contribui para a sustentabilidade do planeta? É tempo de andar de pés descalços, plantar flores, abraçar árvores e mexer na terra.

Basta o sol
brilhar para
Berlim virar
uma festa.
São
piqueniques
diurnos e
noturnos

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso